

MUITO A FAZER

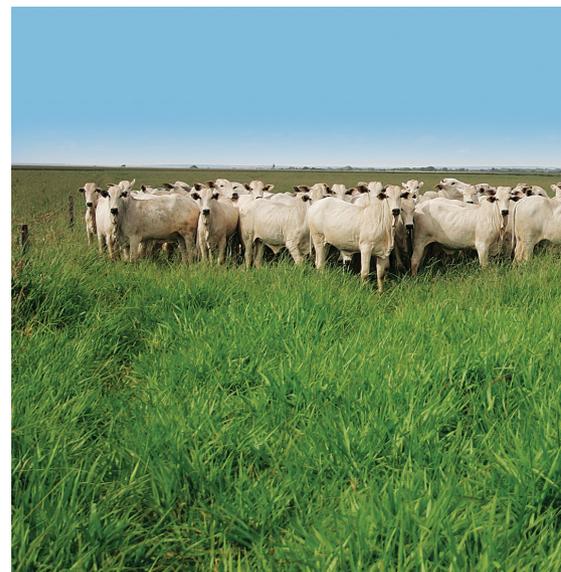
RELATOS DE ESPECIALISTAS APONTAM O HIATO DAS PASTAGENS FRENTE À AGRICULTURA. MESMO O SETOR CIENTE DESTA RUPTURA, PESQUISADORES AFIRMAM: **“É PRECISO AGIR”**

ARTHUR RODRIGO RIBEIRO, DA REDAÇÃO
arthur@ciasullieditores.com.br

Antes de iniciarmos a série dedicada às pastagens, é importante acrescentar alguns dados históricos. No Brasil, Parsons, em 1972, descreveu que várias espécies de gramíneas de origem africana foram introduzidas acidentalmente ou para fins forrageiros. Entre elas, aponta o estudo, estão *Hyparrhenia rufa* (capim-jaraguá), *Brachiaria* spp. (capim-braquiária), *Panicum maximum* (capim-colônião) e *Melinis minutiflora* (capim-gordura). O agrônomo e consultor de pastagens Wagner Pires (Indaiatuba/SP) explica que a chegada dessas variedades se deu por meio dos navios negreiros que traziam os escravos da África,

onde lá eles forravam os porões das caravelas com capim existente próximo ao litoral africano e, quando aqui chegavam, limpavam o porão e jogavam o capim seco na praia. “Para que possamos entender o cenário de nossas pastagens hoje, faz-se necessário que voltemos um pouco na história do nosso País. Todos sabemos que o Brasil foi colonizado principalmente pelos portugueses, portanto, tudo teve o seu início no litoral brasileiro. Entre eles estava o capim Colônião, que aos poucos foi dominando as terras desmatadas pelos portugueses”, salienta.

Outro reflexo das condições atuais é também explicado por Wagner. “Em todos estes tempos de abertura de fronteiras

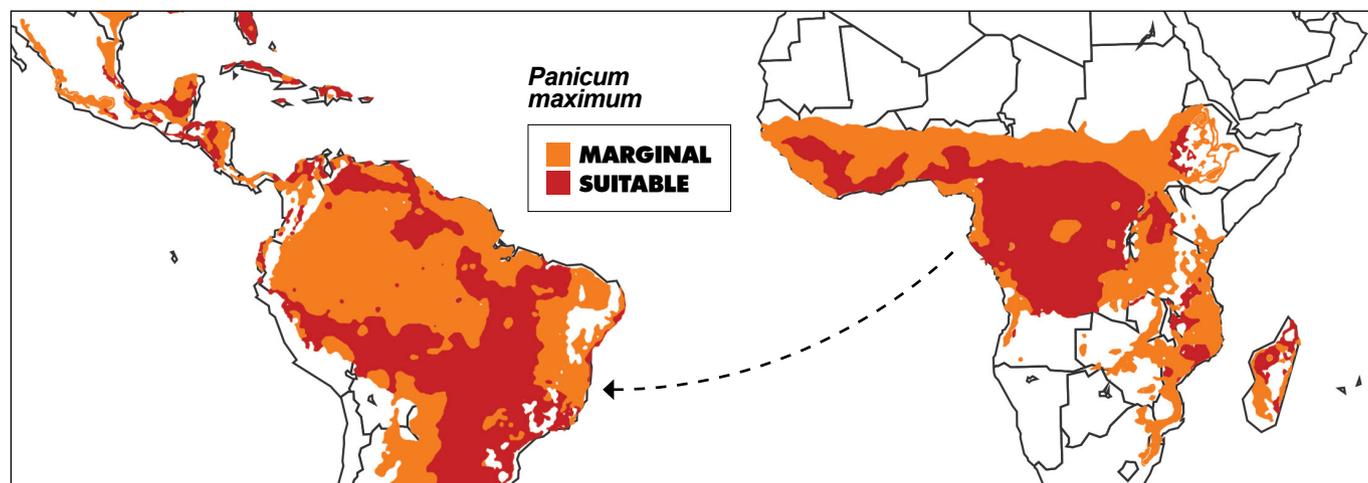


com a pecuária, o pecuarista sempre se mostrou extrativista e bastante resistente ao uso de tecnologias que levassem as pastagens a produzir mais. As terras eram muito baratas e isso fazia com que ele não tivesse muito interesse em investir no aumento de produtividade”, afirma.

Neste sentido, acrescenta o consultor, quando as terras se tornavam pouco produtivas o pecuarista adquiria mais terras e assim a pecuária sempre foi caminhando na frente da agricultura. Com isso, adiciona, a pecuária acabou levando a fama de desmatadora de florestas e mais tarde viria a se tornar a grande vilã do meio ambiente.

A atividade sempre foi controversa, a

SIMILARIDADE CLIMÁTICA PROMOVEU A DISSEMINAÇÃO DE CULTURAS IMPORTADAS





PELO TAMANHO DO BRASIL, É BAIXO A QUANTIDADE DE GRAMÍNEAS DISPONÍVEIS E AUTORIZADAS PELO MAPA PARA USO EM SOLO NACIONAL, AINDA MAIS QUANDO O SETOR TRAZ COMO DIFERENCIAL O BOVINO CRIADO A PASTO

paixão sempre esteve ligada ao animal, discorre Wagner, quando que o ideal seria pela pastagem. Fato que, não é de todo ruim, haja vista qualidade genética presente em solo nacional. “Uma genética de invejar o mundo”, enaltece Wagner, porém, reforça um velho ditado: “A verdade é que a raça entra pela boca do animal”.

A testemunha deste processo são os números de produtividade da pecuária, opostos da agricultura dos dias atuais. “Enquanto a agricultura bate recordes e mais recordes, a pecuária, tanto de leite como de corte, segue lentamente a sua trajetória”, inclui Wagner e completa: “O pecuarista sempre tirou e raramente colocou. Agora ele está sendo obrigado a mudar, por ordem da sustentabilidade e do meio ambiente. Alguns já estão fazendo a lição de casa e estão bastante adiantados, mas, a grande maioria, ainda tem muito o que mudar e aprender”.

AS MUDANÇAS VIERAM À GALOPE.

Prova para esta afirmação também é citada pelo especialista e discorre que, depois da virada do século, a população mundial explodiu e o alimento passou a ser uma forte moeda. “O Brasil deixou de ser importador para exportador e a palavra de ordem se tornou o aumento da produtividade”, sublinha. Enquanto a taxa de lotação era 0,7 cabeça/hectare na média das fazendas nacionais, hoje, excluindo os confinamentos, a atividade gira em torno de 1,1 cab/ha. “Estamos melhorando”, comemora com parcimônia. “Sim, podíamos estar muito mais adiante e é preciso lembrar que pecuária é uma atividade de escala e só conseguiremos ser sus-

tentáveis e rentáveis se produzirmos mais e melhor em menos área. Já caminhamos muito, muitos abandonaram a atividade no momento da sucessão e temos muito para caminhar e evoluir”, completa.

Depois dessas boas vindas e explicações, fomos atrás de opiniões de outros nomes de peso da atividade para entender melhor os caminhos que as pastagens brasileiras devem seguir. Entre eles o agrônomo, consultor e professor/doutor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP, Piracicaba/SP), Moacyr Corsi, e da pesquisadora e doutora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Gado de Corte, Campos Grande/MS), Valeria Pacheco.

Na avaliação de Moacyr, visto que, toda e qualquer atividade econômica necessita ser competitiva, para ele, na pecuária este tema chegou tarde, já que neste mesmo período de desenvolvimento outros segmentos expandiram por meio da gestão estratégica em torno da mão de obra e produtividade. “A atividade pecuária se acomodou em um nível tecnológico baixo porque as alternativas de uso do solo antigamente eram escassas. Nessa situação a pecuária se constituía na melhor opção para o uso desse insumo que é abundante para exploração dessa atividade. À medida que outras alternativas do uso do solo surgiram por meio da expansão da área agrícola e de cultivos como eucalipto, dendê, etc., a pecuária de baixa rentabilidade cedeu lugar às essas culturas”, alinha. Para ele, a observação dessa evolução demorou décadas. “Atualmente essa transformação no uso de áreas ocupadas pela pecuária tradicional ocorre muito rapidamente, provocando transformações significativas no desenvolvimento de uma determinada Região, no valor da terra, urbanização, infraestrutura, etc”. Entretanto, Moacyr projeta que a expansão da área agrícola talvez constitua na maneira de conscientizar o pecuarista sobre o potencial que a atividade econômica tem e que sempre foi muito pouco explorada.

Ele analisa a conjuntura atual: “Pela expansão da área agrícola e consequente valorização da terra, o pecuarista deverá aplicar tecnologia no sistema de exploração intensiva da pecuária e poderá constatar que a margem líquida dessa atividade se comparará à da agricultura e, muito frequentemente, se revela tão boa ou melhor que outras alternativas do uso do solo consideradas como referência de rentabilidade econômica, como a soja”.

O professor exorta ainda que, pela situação atual, boa parte das propriedades pecuárias tem seu desenvolvimento sustentável questionável quando o pensamento está canalizado em uma alternativa para o uso do solo. “Pode perceber, o segmento sempre se acomoda em solos com maior declividade ou alguma outra limitação física. Não é isso que queremos ver como técnicos, mas continuamos sendo uma atividade coadjuvante no agronegócio, nunca fomos protagonistas. Precisamos de uma integração forte para uma atividade mais tecnificada e isso é irreversível”, destaca.

De acordo com ele, a intensificação é o caminho e destaca que, enquanto o pecuarista estiver usando a terra para o cultivo da agricultura, as coisas demorarão para mudar. Para ele, a pecuária deve usar uma outra área de solo que possa ser tão boa quanto a agrícola, mas de forma muito intensiva e com a rentabilidade semelhante da agricultura. “No período da entressafra, com maior escassez de forragem, ampliasse a área da pecuária sobre aquela usada na entressafra da agricultura”, discorre e lembra que isso está se tornando comum entre os pecuaristas. “Se isso não for feito sofreremos no futuro. Este modelo deixa o pecuarista mais animado e ele passa a descobrir o potencial competitivo da pecuária comparado às outras alternativas”.

Moacyr destaca que hoje existem conceitos distorcidos em torno da pecuária e este é um dos motivos da não utilização da tecnologia. Ele lembra que a média Brasil é de 400 gramas de Ganho de Peso Diário (GPD), mas discorre que é perfeitamente ▶

WAGNER PIRES
ALERTA PARA A MUDANÇA NO MODO COMO SE OLHA E PRODUZ PASTO



possível chegar a 650 g, isso em pasto e às vezes com suplementação, elevando a produção para cerca de 70%. “Muitos ficam impressionados com o aumento do percentual, mas não sabem em qual base se deu este crescimento”, diz. Se com 450 g o animal ganha 5@/ha, com 650 g o produtor passaria a ganhar 8@/ha. “Mas quando se fala em 8@/ha cotada a R\$ 152,00 em São Paulo (em 4/2), dividindo por saco milho girando ao redor dos R\$ 30,00, o pecuarista passaria a receber cerca de 40 a 50 sacos/bruto/ha. Com este número qualquer lavorista, por mais frustrada que possa ter sido sua safra, colhe. Portanto, como pode ser um bom negócio aumentar 70% a produção

pecuária se ela se mantém com capacidade de retorno financeiro baixo”. Diante disso, Moacyr garante que a solução é manter o boi no peso e o número de animais por área. “Ninguém está disposto a falar sobre taxa de lotação. Todos só querem falar de ganho de peso. Tem que ser considerada as duas variáveis”, considera. Há projetos em Rondonópolis (MT), Paragominas (PA) e São Paulo (SP), onde estes conceitos estão sendo aplicados e se mostram promissores e, em alguns casos, até mais rentáveis comparado à agricultura e Wagner reforça: “O pecuarista precisa entender que não existe mágica para se produzir carne e leite em abundância e com qualidade. A forma como o pecuarista foi bem-sucedido no passado não garante o sucesso no presente e muito menos no futuro. Tudo está mudando rapidamente e é fundamental que o pecuarista mude junto”, alinha.

Ele lembra que poucos estão fazendo a lição de casa e é preciso sempre revê-la, ou seja, o que está feito e o que está por fazer. (A série de tópicos ao lado serve para alertar o pecuarista leitor da sua real situação)

VALERIA PACHECO, DA EMBRAPA GADO DE CORTE, ALERTA QUE PRÓXIMO DE 60% DAS PASTAGENS BRASILEIRAS É COMPOSTA POR BRAQUIÁRIA



VOCÊ FAZ ISSO PELAS PASTAGENS?



Realizar análises de solo, o conhecimento do estado da fertilidade do solo é imprescindível.



Realizar levantamento detalhado da topografia e em alguns casos da altimetria da fazenda, sem mapa NÃO se pode fazer nada.



Realizar um diagnóstico das pastagens para saber por onde começar e quais as tecnologias adotar. O pecuarista na grande maioria das vezes tem por hábito iniciar os trabalhos pelos pastos piores da fazenda, na maioria das vezes estes são mais caros e o resultado mais demorado para aparecer, caso queira retomar o crescimento rapidamente deve iniciar sempre pelas operações mais fáceis e menos onerosas.



Capacitar a si e sua equipe, o conhecimento hoje é um ponto de grande importância e ter um funcionário que acompanhe a linha de raciocínio das novas tecnologias ajuda muito.



Diversificar as gramíneas e se preparar para as surpresas climáticas e ambientais.



Dividir para melhor manejar suas pastagens. Quanto menor o tamanho dos pastos mais fácil o manejo e maior a produção de massa da pastagem.



Não ter medo de trabalhar com tecnologias como máquinas e implementos, pois cada vez mais a mão de obra vai ser cara e escassa.



Experimentar uma consultoria para não errar.

Fonte: Wagner Pires

TRÂMITE DA AUTORIZAÇÃO DO PROGRAMA DE MELHORAMENTO

1. São realizados vários testes por pelo menos **2 ANOS** em canteiros em vários biomas do Brasil
2. De todos os melhores resultados são realizados análises em conjunto dentre as espécies
3. Após a seleção a cultivar segue para registro no MAPA
4. Neste momento os testes são acompanhados pelo ministério
5. O MAPA exige dois anos de pastejo
6. A cultivar só é liberada após apresentar característica superior a qual está em uso
7. A mais recente liberada foi a **PAIAGUÁS**
8. Multiplicação se dá pelos sementeiros

Fonte: Valeria Pacheco/Adaptado feed&food

Outra preocupação dos especialistas diz respeito ao investimento e liberação rápida de novas cultivares de pasto. De acordo com Wagner, o Brasil dispõe de uma coleção bastante completa de gramíneas para serem selecionadas e com o domínio da tecnologia de desenvolvimento de híbridos, como ocorre na Embrapa, por exemplo, que conta hoje com uma série delas em fase de avaliação final para serem lançadas. O problema, na sua avaliação, não é a seleção que “empaca” o desenvolvimento, mas o registro das mesmas. “A burocracia é grande, cara e, muitas vezes, quando chega ao mercado, a necessidade já passou. Tenho mais medo dos pecuaristas e leigos que resolvem por conta própria buscar gramíneas e multiplicá-las aqui no Brasil. Temos muitos casos desta natureza aqui e nada é feito porque não se tem gente capacitada para fiscalizar estes materiais no campo”, detalha e acredita que seria muito mais produtivo se as instituições conduzissem o pecuarista para materiais mais exigentes e produtivos e não adaptados e tolerantes a baixa fertilidade do solo. “Somente assim conseguiremos ter uma pecuária cada vez mais próxima da agricultura de ponta”, completa.

E para falar sobre este assunto, a Dra. Valeria Pacheco, da Embrapa Pecuária de Corte, com mais de 30 anos de experiência em manejo de pastagens, é salutar ao tecer comentários em torno do item supracitado por Wagner. De acordo com ela, pelo tamanho do Brasil, é baixa a quantidade de gramíneas disponíveis e autorizadas pelo MAPA para uso em solo nacional, ainda mais quando o setor traz como diferencial o bovino criado a pasto. “Sabemos que cerca



acordo com o diretor Substituto do Departamento de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Rural (DDTER/SPRC, MAPA, Brasília/DF), Fabrício Santana Santos, existem no Brasil 100 cultivares de espécies incluídas no grupo forrageiras no Serviço Nacional de Proteção de Cultivares (SNPC), sendo 15 em análise/diligência, 15 arquivadas, 67 com Proteção Definitiva, 1 Proteção Provisória, 2 Proteção Extinta. “Ao todo a lista de habilitadas à produção e comercialização são de 457 cultivares registradas no Registro Nacional de Cultivares (RNC)”, insere.

MOACYR CORSI É TAXATIVO: “NINGUÉM FALA SOBRE TAXA DE LOTAÇÃO”

de 60% das pastagens do Brasil são compostas por Braquiária Marandu. Se houver uma praga, uma doença, o setor está passível a sérios prejuízos”, alerta. Vale lembrar que, de

Outra intempérie avaliada pela pesquisadora diz respeito ao tempo da pesquisa até a aprovação de um cultivar no Brasil que pode levar de cinco a oito anos, mas lembra que a Embrapa, quase todo ano, lança uma novidade. “Levou dez anos para a primeira, mas com o passar do tempo passamos a liberar quase uma por ano”, incrementa.

Ela enfatiza que o olhar para a produção

da gramínea deve estar associado à Região e ao manejo. “O pecuarista deve olhar para o solo, clima e o manejo a ser dado. Caso ele esteja em um solo fraco e disposto a realizar adubação, ele pode escolher uma variedade mais produtiva, tais como as gramíneas do gênero Panicum – Tanzânia, Mombaça, Massai. Caso não haja condição de realizar a manutenção do solo, ele deve partir para a mais rústica, daí então o gênero das Braquiárias”, alinha. Contudo, abre a seguinte ressalva: “Muitas vezes é o sementeiro que indica qual tipo usar e isso está atrelado ao perfil do vendedor, empresa, etc.”, isso porque, segundo Valeria, a extensão rural no Brasil é falha. “Não se há um modelo como a Embrapa para a pesquisa para a extensão rural”, completa e inclui que este tipo de situação ocorre comumente entre os pequenos e médios, já que os grandes, na visão da pesquisadora, contam com assessoria técnica particular. “Nós da Embrapa indicamos, apoiamos e orientamos, mas não é um trabalho de difusão da extensão próximos àqueles que necessitam”. ■

**QUALIDADE, TECNOLOGIA
E SEGURANÇA TRADUZIDAS
EM UMA MARCA COM
UM NOVO VISUAL**



Apresentamos a nova identidade da nossa marca, mais moderna e alinhada com o nosso trabalho de criar soluções inovadoras com resultados surpreendentes.

